

Na região do submédio São Francisco, onde o solo bebe apenas 400mm anualmente de água e a temperatura média é de 25°C, concentra-se a maior exploração de uvas do Nordeste.



As vinhas do São Francisco

A viticultura na região do submédio São Francisco, no trecho compreendido entre a barragem de Sobradinho e os municípios de Santa Maria da Boa Vista/PE e Curaçá/BA, tem-se desenvolvido bastante nesses últimos anos, tanto pelos esforços de empresários desta região como de outras regiões do país, que investem na produção de uvas para mesa, vinho e passa.

As pesquisas realizadas pelo Centro de Pesquisa Agropecuária do Trópico Semi-Árido (CPATSA), da Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (Embrapa), com a cultura da videira visam a melhorar o sistema de cultivo existente na região, introduzindo novos cultivares de mesa, vinho e passa; minimizando o custo de algumas práticas culturais; elevando a produtividade dos cultivares já em produção na re-

gião; e proporcionando melhor controle fitossanitário.

Apresentamos algumas recomendações técnicas a serem empregadas na implantação e condução de um parreiral na região do submédio São Francisco, sendo que algumas práticas culturais, produtos químicos e formulações aqui recomendados poderão ser atualizados à medida que forem surgindo novos resultados de pesquisa.



Cultivar itália, uma das mais difundidas na região

LOCALIZAÇÃO

O parreiral deverá ser localizado em área com topografia apropriada para irrigação. O solo da área deve ter, em média, um metro e meio de profundidade e apresentar boa drenagem, pois a videira é bastante sensível ao excesso de umidade. As fileiras de plantio devem ser orientadas no mesmo sentido dos ventos dominantes, pois as plantas ressentem-se bastante com fortes rajadas de vento. Na impossibilidade de adoção desta orientação, a instalação de quebra-ventos com bananeiras ou gravioleiras, com espaçamento ultradenso, proporciona boa proteção.

PREPARO DO SOLO

Limpeza da área — a roçagem e o destocamento da área a ser cultivada com videira deverão ser feitos três a quatro meses antes do plantio.

Análise do solo — logo após a limpeza, três meses antes do plantio, coletar amostras de solo representativas da área onde será implantado o parreiral, à profundidade média de trinta e cinco centímetros, e remetê-las para laboratório de análise de solo para saber da necessidade de calagem e fertilização.

Calagem — havendo necessidade de calagem, de acordo com os resultados no laudo da análise de solo, fazê-la, no mínimo 60 dias antes do plantio, pro-

curando sempre atingir um pH em torno de 6,0-6,5.

Aração e gradagem — após a distribuição do calcário, fazer uma aração tão profunda quanto o solo permitir e uma gradagem, incorporando o corretivo ao solo.

Marcação e sulcamento para adubação de correção — quando o sistema de irrigação da área for através de sulcos, faz-se a demarcação destes no sentido perpendicular ou oblíquo ao canal de irrigação, dependendo da declividade do terreno. Estes sulcos terão o espaçamento estabelecido para a cultura e serão o mais profundos possíveis para receber a adubação.

Mudas prontas para o transplante



ADUBAÇÃO DE CORREÇÃO

A adubação de correção deverá ser feita 15 a 30 dias antes do plantio, nos sulcos abertos para esse fim. Aconselha-se uma adubação de forma contínua nos sulcos, com as seguintes dosagens por planta: 15 a 20 litros de esterco caprino ou bovino e 300g de P_2O_5 , sendo os sulcos fechados a seguir.

CULTIVAR A SER IMPLANTADO

Cultivar produtor — os cultivares mais difundidos na região são, no momento, o 'itália' e o 'piratininga', que destinam-se ao consumo *in natura*, com boa aceitação nas capitais do Nordeste.

O cultivar itália apresenta cachos grandes com um peso médio de 800 gramas; os bagos são grandes, desde que o cacho tenha sido bem raleado, coloração amarelo-âmbar, com película grossa e sabor levemente moscato. A produtividade deste cultivar atinge em média 25-30 toneladas/ha/ano, conduzido em sistema de latada.

O cultivar piratininga apresenta cachos grandes, com um peso médio de 750 gramas, e não necessita um desbaste muito acentuado; os bagos são grandes, de coloração rosa-avinhado, com a película grossa e sabor neutro, levemente ácido. A produtividade deste cultivar atinge, em média, 25-30 toneladas/ha/ano, conduzido em sistema de latada.

No entanto, outros cultivares poderão se tornar competitivos no mercado, pois o CPATSA dispõe de uma coleção com 130 cultivares, que estão sendo avaliados quanto à adaptação, produtividade e aspectos qualitativos para os diversos fins: mesa, passa e vinho.

Entre os cultivares para mesa, estão mostrando-se bastante promissores em avaliações preliminares: moscatel-de-hamburgo, malvasia-de-la chartreuse, gros-colman, dona-maria. Para passa, estão salientando-se os cultivares: perlette, moscatuel, feal, que dão passas sem sementes de ótima qualidade. Para vinho, tem-se chenin blanc, semillon, ugni blanc, petit syrah, merlot, cinsaut e souzão, apresentando ótima qualidade para vinificação, com boa produtividade.

Porta-enxerto — o porta-enxerto mais utilizado na região é o tropical,

que é muito vigoroso, apresentando aparente resistência a nematóides. No entanto, este porta-enxerto poderá vir a ser substituído por outros, que também são resistentes a nematóides, menos vigorosos, mas que concorrem para uma produção de maior qualidade como: dog ridge, salt creek, SO-4, R-99.

FORMAÇÃO DAS MUDAS

A videira é normalmente propagada vegetativamente por estaquia e enxertia.

Obtenção das estacas — as plantas selecionadas para fornecerem as estacas devem ser escolhidas, a priori, de acordo com as seguintes características: crescimento vigoroso, alta produtividade, bom aspecto sanitário (sem doenças e sem pragas) e apresentar ramos bem lignificados e bem formados.

Preparo das estacas de porta-enxertos e pés-franco — as estacas que destinam-se ao plantio em viveiro ou direto no campo são cortadas com 25-30cm de comprimento, com quatro a seis gemas.

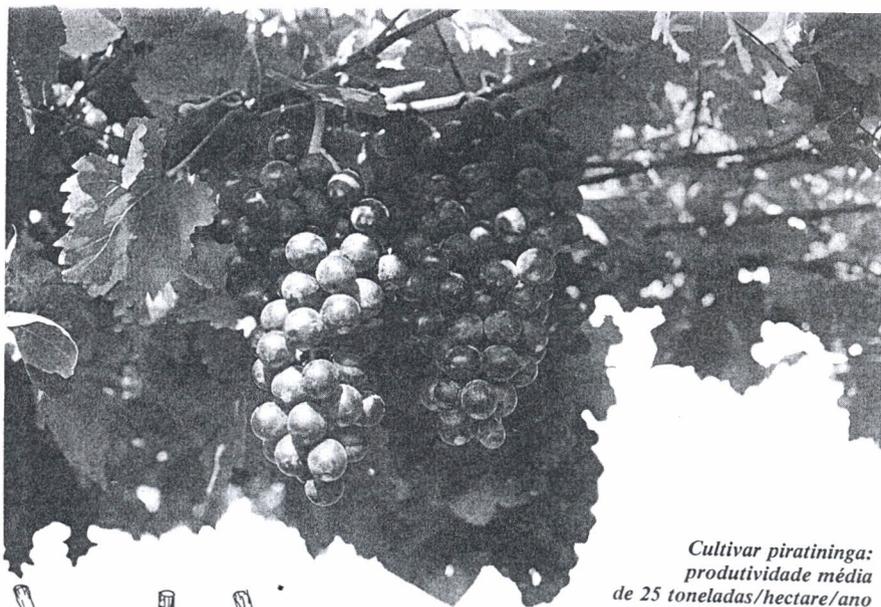
O corte da base das estacas é feito sobre o nó e o do ápice é feito três a quatro centímetros acima da gema superior, o que evita o ressecamento da mesma. As gemas que ficarão enterradas são eliminadas para que haja uma maior absorção de água, facilitando o enraizamento e evitando a emissão de ramos "ladrões"

PREPARO DO MATERIAL PARA ENXERTIA

Produtora — os enxertos ou garfos são fragmentos de vara do cultivar produtor, que apresentam duas gemas. A extremidade superior é cortada reta, com três a quatro centímetros acima da gema, e a inferior é cortada em forma de cunha (Figuras 1A e 1B).

A seguir, enrola-se o enxerto com fita plástica, deixando-se somente as gemas e a cunha descobertas. A extremidade superior deve ser bem protegida, evitando-se, desta forma, o dessecação do enxerto (Figura 1C).

Porta-enxerto para enxertia de mesa — são fragmentos de vara do cultivar escolhido como porta-enxerto, em torno de 22-25cm e duas ou três gemas. O corte inferior é feito bem junto ao nó e o superior 6-8cm acima da gema supe-



Cultivar piratininga: produtividade média de 25 toneladas/hectare/ano

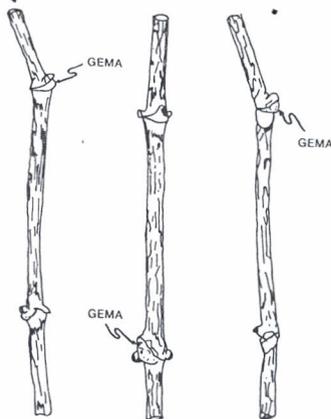


Figura 1A: Corte da vara para colocação de enxertos

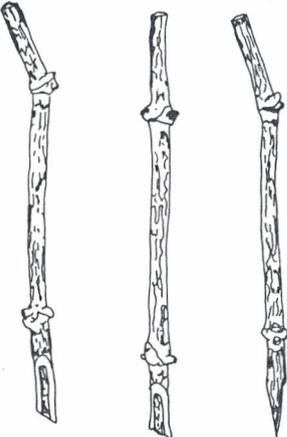


Figura 1B: Enxertos cortados em forma de bisel

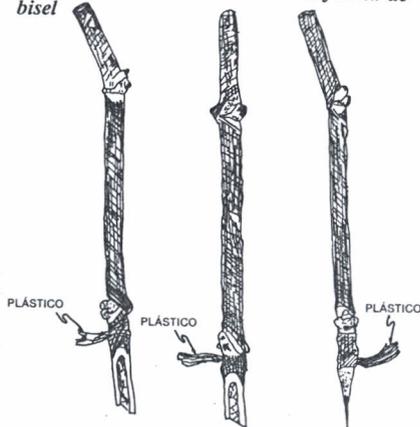


Figura 1C: Enxertos aplicados no "cavalo"

rior (Figura 2A). As gemas são eliminadas para favorecer o enraizamento e também para evitar que haja emissão de ramos "ladrões" (Figura 2B).

Porta-enxertos para enxertia de campo — as mudas de porta-enxertos são plantadas no campo e seus ramos, em número de três, são conduzidos na vertical. Todas as brotações secundárias são eliminadas, facilitando desta forma o engrossamento dos ramos que serão enxertados. Por ocasião da enxertia, cortam-se dois dos ramos a 20cm do solo e eliminam-se todas as folhas abaixo do corte (Figura 2C).

Enxertia — unem-se o enxerto e o porta-enxerto, já devidamente preparados, através da enxertia de garfagem de fenda cheia, procedendo da seguinte forma:

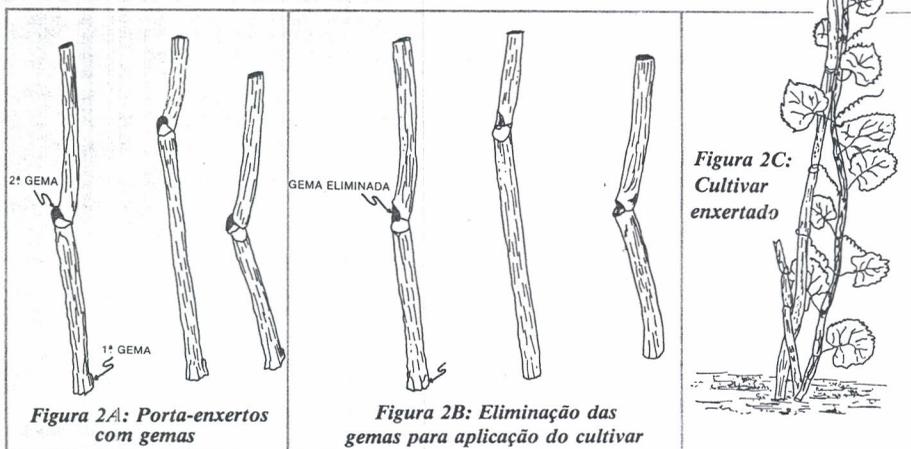
a) cortar na vertical a estaca ou os ramos do porta-enxerto, abrindo uma fenda de 2 a 3cm sem atingir o nó imediatamente abaixo;

b) introduzir nesta fenda o enxerto com a extremidade cortada em cunha (Figura 3A);

c) observar que haja contato entre as cascas do enxerto e do porta-enxerto, mesmo que este contato seja só de um lado; neste caso, a gema do enxerto próxima à cunha deve ficar voltada para o lado em que as cascas contactam (Figura 3A);

d) após a colocação do enxerto na fenda do porta-enxerto, faz-se a fixação dos mesmos através de fita plástica, evitando-se, desta forma, que haja um deslocamento do enxerto, o que prejudicaria a enxertia (Figura 3B).

Na enxertia de campo, podem-se utilizar as plantas de porta-enxerto com os ramos verdes e material em início de lignificação do enxerto, pois, segundo observações dos autores, a cicatri-



zação se processa de forma mais rápida e de maneira mais uniforme, não havendo aparentemente nenhuma necrose dos tecidos.

O processo de enxertia pode ser feito em qualquer época do ano. No entanto, o crescimento da muda é menor durante o período mais frio; ou seja, de meados de maio a agosto. Os dois processos de enxertia apresentam alto índice de pega, mas sugere-se a enxertia de mesa por apresentar as seguintes vantagens:

- consegue-se antecipar em três meses a primeira colheita, além de tornar

mais econômica a formação da muda;

- não há emissão de ramos ladrões provenientes do porta-enxerto;
- não foi observada nenhuma diferença com relação ao vigor das plantas entre os dois métodos de enxertia.

PLANTIO

As mudas do porta-enxerto ou da produtora de pé-franco ou enxertada poderão ser levadas ao campo com três/quatro meses de idade, desde que tenham sido bem protegidas do ataque de pragas e doenças.

Época — havendo disponibilidade de mudas, o plantio pode ser efetuado em qualquer época do ano. No entanto, para minimizar os custos com irrigação, aconselha-se o plantio no início da estação chuvosa (dezembro).

Espaçamento — para cultivares enxertados sobre o porta-enxerto tropical, o espaçamento pode ser de 3 x 3m ou 4 x 2m. Para cultivares plantados de pé-franco, este pode ser de 3 x 2m ou 2,5 x 2m quando a condução for em espaldeira.

Covas — as covas, de tamanho suficiente para acomodar o sistema radicular da muda, são abertas no camalhão que se formou sobre a linha de adubo depositado no fundo do sulco de adubação.

Tutoramento — antes de plantar a muda ou imediatamente após, enterrar um tutor que conduzirá a brotação verticalmente até o arame do sistema de condução.

ARMAÇÃO DA ESTRUTURA DE CONDUÇÃO

A sustentação das plantas será através de latada, constituída por moirões e postes de boa madeira (sabiá, barauína, etc.). Cada fileira será independente da outra, pois o aramado, para cada fileira, será amarrado nos postes da mesma. Fazer uma rede de arame liso nº 12 nas linhas das plantas e nº 14 nas entrelinhas espaçadas de 50cm, sendo que o arame nº 12 fica a cada 6m, estendido perpendicularmente à fileira das plantas. Arame farpado é colocado nas extremidades da latada (perpendicular a fileiras de planta) e a cada 25m, com a finalidade de impedir o deslocamento do arame nº 14. A latada deve ser confeccionada com 2m de altura (Figura 4).

CULTURAIS-CONDUÇÃO

Adubação de cobertura — É feita com adubos químicos, 40 dias após o plantio, com as mudas em plena brotação, sendo repetida a cada três meses, até a primeira poda de frutificação.

Adubação foliar — É feita a cada trinta dias com formulações comerciais (Stimufol, Bayfolan Extra, etc.), sendo a primeira realizada vinte dias após a primeira adubação de cobertura, até a primeira poda de frutificação.

As dosagens encontram-se na Tabela 1.

EMERGÊNCIA

SUA EMPRESA PRECISA DE ASSISTÊNCIA? NÃO ESPERE MAIS.

- Temos a melhor assistência médica para sua empresa.
- Cuidamos de seu funcionário, preservando sua saúde, para que ele tenha um bom rendimento em seu trabalho.

NÃO PENSE MAIS

Faça um contato conosco.

A saúde de seu funcionário é a garantia do seu lucro.



Av. Independência, 944
Fones: 24.3333 - 27.2666
Av. São Pedro, 1201
Fone: 42.4242
Porto Alegre - RS

Poda de condução e amarração — após o plantio, conserva-se um único ramo que é conduzido até à latada e amarrado ao tutor para dar origem a uma planta com o tronco bem ereto e evitar que se quebre pela ação do vento. Os ramos ladrões que saem do porta-enxerto e as brotações laterais são eliminados ainda novos, evitando-se a competição deles com o ramo que está sendo conduzido. Quando o ramo ultrapassar a latada de uns 30cm, ele é podado, deixando-se a gema imediatamente abaixo da mesma. Após a brotação das gemas finais do ramo podado, deixam-se apenas as duas últimas brotações, das quais originarão os braços primários (Figuras 5A e 5B).

Através da poda, a cada 35-40cm dos braços primários, vão se formando os braços secundários, dois por poda (Figura 5C). Este trabalho se repete tantas vezes quanto for necessário para a formação dos braços secundários (Figuras 5D e 5E). Sobre os braços secundários, faz-se o mesmo trabalho de poda, a fim de formarem-se unidades de produção separadas umas das outras em 15cm (Figura 5F).

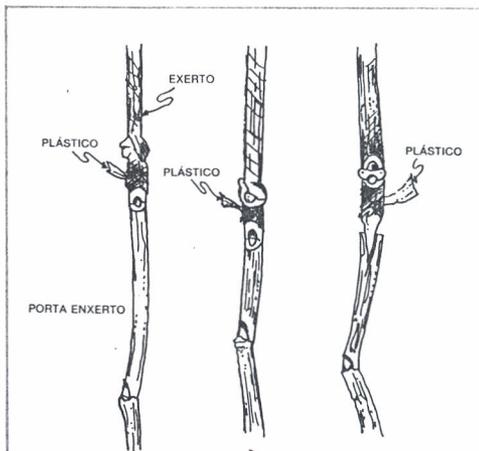
Num plantio de 2mx4m, os braços primários desenvolvem-se por dois metros de comprimento, no sentido perpendicular à linha de plantas. Os ramos secundários, cinco ou seis, desenvolvem-se perpendiculares aos primários e comportam, cada um, cinco a sete unidades de produção (Figura 6).

Para facilitar o desabrochamento das gemas necessárias à formação do esqueleto das plantas, as podas podem ser realizadas com os ramos ainda verdes sem estarem lignificados. As plantas não apresentam o mesmo ritmo de crescimento. Portanto, é necessário que se repasse a área todas as semanas para se fazer a poda, a condução e a amarração.

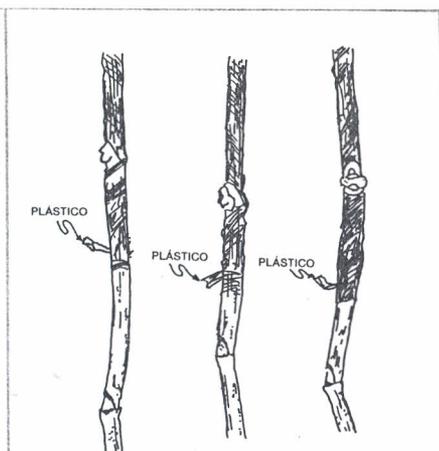
A formação das plantas dura de 10 a 14 meses, segundo o vigor do cultivar.

Limpeza — a partir do plantio, manter sempre limpa as fileiras das plantas, evitando que as mudas ainda novas sejam abafadas pelas ervas daninhas. Nas entrelinhas, utiliza-se a roçadeira ou enxada rotativa, para manter a vegetação rasteira ao solo.

Combate à formiga — na fase inicial de desenvolvimento das parreiras, é muito importante que se faça um combate eficiente às formigas, pois se estas atacarem após o plantio, quando do aparecimento das primeiras folhas, é



3A: Colocação do enxerto no "cavalo" (vistas laterais e frontais)



3B: União do enxerto no "cavalo"

praticamente inevitável a perda das mudas. A melhor hora para procurar as caseiras é a partir das 17 horas, quando se faz o controle das mesmas com dodecacloro granulado.

Tratamento fitossanitário — nesta fase de crescimento das plantas, é necessário que se faça um controle das doenças que venham a aparecer: o oídio durante todo o ano e o míldio no período chuvoso, permitindo, desta forma, que as plantas desenvolvam-se sadias e com maior rapidez.

Irrigação — as irrigações deverão ser realizadas com intervalos de sete dias em solos pesados (vertissolos) e de quatro dias em solos leves (latossolos) até o pegamento da muda e expansão do sistema radicular. Posteriormente, quando as plantas já estiverem bem desenvolvidas, a irrigação deverá ser feita quando o solo apresentar, aproximadamente, 50 por cento de umidade disponível no perfil de 100cm.

PRÁTICAS CULTURAIS- CONDUÇÃO

Poda de frutificação — consiste em deixar, em cada unidade de produção, um esporão com duas gemas e uma vara com oito a 12 gemas (Figura 6). A finalidade do esporão é produzir a vara e o esporão da poda do ciclo seguinte, e a da vara é a produção de cachos. De modo geral, costuma-se encurvar as varas amarrando suas extremidades junto às bases. Este encurvamento tem por finalidade a torção das varas, causando uma certa ruptura dos vasos condutores da planta. Esta prática visa a uma brotação mais uniforme, quebrando parcialmente a dominância apical.



Irrigação por gotejamento: economia d'água em solo muito seco

Adubação de manutenção — é feita uma adubação após cada poda de frutificação, com adubo químico e orgânico (esterco). Os fertilizantes são aplicados a lanço em pequenos sulcos cavados na lateral das plantas com uma distância de 50cm no primeiro ano, 80cm no segundo ano e 100cm no terceiro ano e seguintes.

Cobertura — no início da frutificação, é realizada uma adubação de cobertura com nitrogênio.

Foliar — as adubações foliares são feitas na pré-floração e no início de frutificação, com formulações comerciais.

As dosagens de cada adubação são encontradas na Tabela 1.

Limpeza — manter limpas faixas de 1,5m nas linhas das plantas; nas entrelinhas, passar a enxada rotativa após a poda de frutificação e, posteriormente, manter o terreno apenas roçado.

Amarração — logo após a poda, amarrar as varas, não apertando muito junto aos fios de arame, devido ao seu crescimento transversal. Quando os novos lançamentos atingirem aproximadamente 40cm, devem ser amarrados para que não se quebrem pela ação dos ventos. O material usado para esta prática pode ser palha de milho, cordão, barbante ou qualquer fibra.

Poda verde — a poda verde consiste numa série de práticas que se realizam nas plantas em produção e que tem por finalidade melhorar o aspecto e a qualidade dos cachos, além de promover o equilíbrio entre a vegetação e a frutifi-

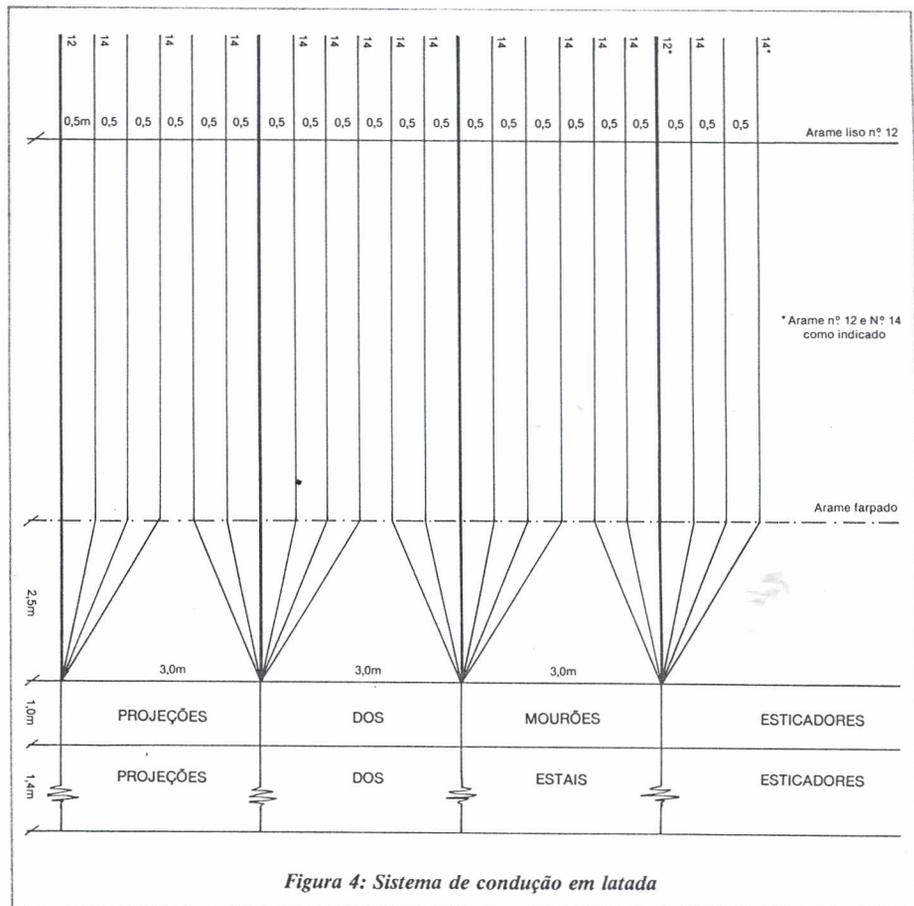


Figura 4: Sistema de condução em latada

cação. A poda verde é mais utilizada nos cultivares para consumo *in natura* e consiste nas práticas que se seguem.

Esladramento — é a remoção dos ramos estéreis quando estiverem com 10 a 30cm de comprimento, o que não chega a causar feridas e nem um desequilíbrio fisiológico, proporcionando aos ramos remanescentes maior cresci-

mento. Devem-se eliminar os ramos que nascem do tronco, os que estão em excesso e quando brotam mais de um por gema. O aparecimento de muitos ramos ladrões significa que o método de poda adotado é incorreto e há necessidade de uma poda menos severa.

Despontamento e eliminação das gavinhas — consiste em eliminar a extre-

Não perca tempo, ganhe dinheiro

Seus equipamentos, implementos, peças, adubos, rações e sementes merecem ser transportados por profissionais. Confie seu patrimônio a especialistas. A Planalto Encomendas está comprometida com seu sucesso.

Segurança, agilidade e sua satisfação são nossa marca registrada.

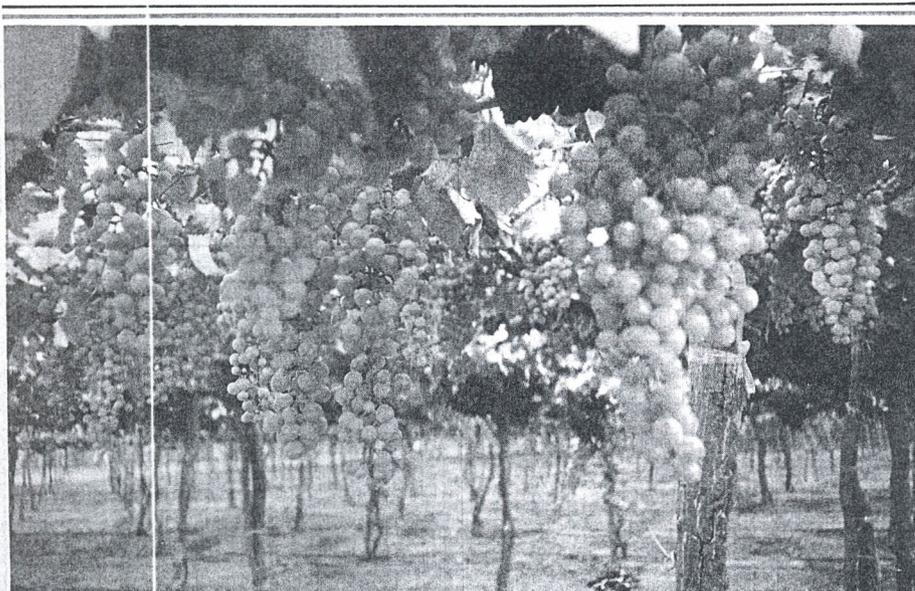
Oferecemos mais de 100 cidades no RS para a distribuição de seus produtos. Procure-nos.



Porto Alegre Fone: 43-1855
 Santa Maria Fone: 221-5388
 Uruguaiana Fone: 412-2260
 Alegrete Fone: 422-1390
 Santiago Fone: 251-1748

midade dos ramos e as gavinhas antes ou até o início da floração. Seu objetivo é acelerar a maturação das gemas basais, evitar a filagem ou o desavinho, melhorar a fecundação das flores, induzir a uma melhor formação dos frutos e equilibrar a vegetação. Para cultivos de mesa, é uma prática necessária, porém bastante demorada, o que onera muito os custos de produção. Para minimizar o tempo e os custos desta prática, deve-se fazer o desponte e eliminar as gavinhas somente dos lançamentos das extremidades das varas e dos que tenham cachos.

Desbaste equilibrado é assim: um cacho para dois ramos



Desnetamento — consiste no despontamento das feminelas ou ramos terciários, deixando-se apenas uma ou duas folhinhas, que auxiliam na assimilação de nutrientes para a melhor formação dos frutos e das gemas frutíferas do ciclo seguinte. Esta prática deve ser feita até o início da floração.

Desfolhamento — deve ser feito no período de crescimento do ramo. Visa a melhorar a ventilação, a insolação e a facilitar o controle das doenças dos cachos. Não se deve tirar mais de cinco folhas por ramo e, naqueles com cacho, devem ser deixadas seis a oito folhas acima do mesmo.

Desbaste de cachos — é a remoção de cachos florais antes da floração e dos cachos ainda novos ou parte de tais cachos depois que o fruto se formou.

Eliminam-se os cachos dos ramos mais débeis, com poucas folhas, doentes ou abafados por excesso de ramos e folhas, procurando-se deixar a frutificação bem distribuída, evitando-se amontoado de cachos em alguns ramos e claros noutros. Aumentando-se a relação entre as folhas e o número de cachos, permite-se uma melhor nutrição dos cachos remanescentes. Fazendo-se uma poda mais longa e com o auxílio de reguladores de crescimento para favorecer a melhor brotação das varas, é possível aumentar efetivamente a capacidade de produção da videira. No entanto, através do desbaste dos cachos, consegue-se deixar uma produção de qualidade, sem danos posteriores às plantas.

Os cachos provenientes dos netos de-

Tabela 1 — Adubação da videira

Fase de desenvolvimento	Tipo de adubação	Nutriente	Quantidade do nutriente	Frequência de aplicação
Crescimento	Cobertura	N K ₂ O	50g/planta 60g/planta	40 dias após o plantio e a cada 3 meses até a primeira poda de frutificação
	Foliar	Formulações comerciais	300ml/100l de água	20 dias após a primeira adubação de cobertura e a cada 30 dias até a poda de frutificação
Produção	Manutenção	Esterco caprino ou bovino N K ₂ O	10l/planta 60g/planta 120g/planta	Imediatamente a cada poda de frutificação
	Cobertura	N	60g/planta	Início de frutificação
	Foliar	Formulações comerciais	300ml/100l de água	Pulverizar na pré-floração e no início da frutificação

Parreira de cultivar Feal, próprio para cultivo de uva-passa sem sementes

vem ser eliminados, pois são mais atrasados e fazem concorrência aos cachos já formados. Resumindo, pode-se dizer que o tamanho dos cachos está em função da superfície foliar das plantas. A relação mais equilibrada é de um cacho para dois ramos.

Descompactação do cacho — a descompactação ou raleio do cacho pode ser manual, sendo efetuada no início da frutificação, quando os bagos estão no estágio de chumbinho. Pode, também, ser feita através de produtos químicos que atuam como reguladores de crescimento, obtendo-se desta forma uma descompactação parcial.

Os produtos utilizados são:

- ácido naftalenoacético (5ppm): pulverizar toda a planta na fase de floração;
- ácido giberélico (50ppm): para uvas apirênicas (sem sementes), pulverizar a parte verde da planta, no início da frutificação;
- uréia (0,5%) + triadimefon (0,038%): pulverizar os cachos no início da frutificação e repetir trinta dias depois.

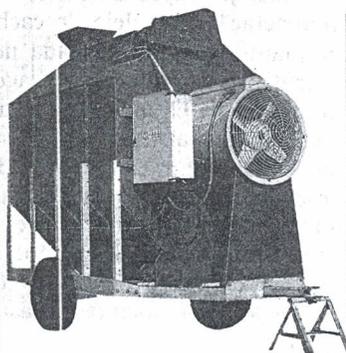
Ao utilizar-se qualquer um desses produtos químicos, há necessidade de um repasse manual, pois nem todos os cachos encontram-se no mesmo estágio de desenvolvimento, quando da aplicação do produto. Para as uvas apirênicas, quando da utilização do ácido giberélico, não é necessário o repasse manual.

Tabela 2 — Tratamentos fitossanitários — planta em produção

Período	Pragas e moléstias	Condições de tempo favorável	Produto	Frequência	Observações
Repouso	Cochonilha	Seco/chuvoso	Óleo mineral + DNBP	Uma após a poda	Não aplicar com a planta em brotação
Brotação à floração	Ácaro e cochonilha	Seco/chuvoso	Dimetoato	Uma em plena brotação	Só aplicar o produto quando constatar a praga
	Oídio	Seco/chuvoso	Triadimefon + thiovit Fenarimol + thiovit	A cada quinze dias alternando os produtos	Não aplicar Triadimefon na época da floração
	Míldio	Chuvoso	Oxicloreto de cobre + mancozeb	A cada oito dias alternando os produtos	O controle deve ser eficiente na época da floração
	Antracnose	Chuvoso	Benomyl + mancozeb	Duas aplicações com intervalos de sete dias	Raramente ocorre
Frutificação	Mosca dos frutos	Chuvoso	Trichlorphon Carbaril	Duas a três aplicações com 4 dias de intervalo	Só aplicar o produto quando constatar a praga
	Cochonilha	Seco/chuvoso	Dimetoato	Uma em plena brotação	
	Tripses	Chuvoso			
	Oídio	Seco/chuvoso	Triadimefon + thiovit Fenarimol + thiovit	A cada quinze dias alternando os produtos	Suspender a pulverização 30 dias antes da colheita
	Antracnose Podridão do cacho	Chuvoso	Benomyl + mancozeb	Duas aplicações com intervalos de sete dias	Aplicar produtos quando aparecerem os sintomas

NOVIDADE

SECADOR PORTÁTIL DE GRÃOMESI



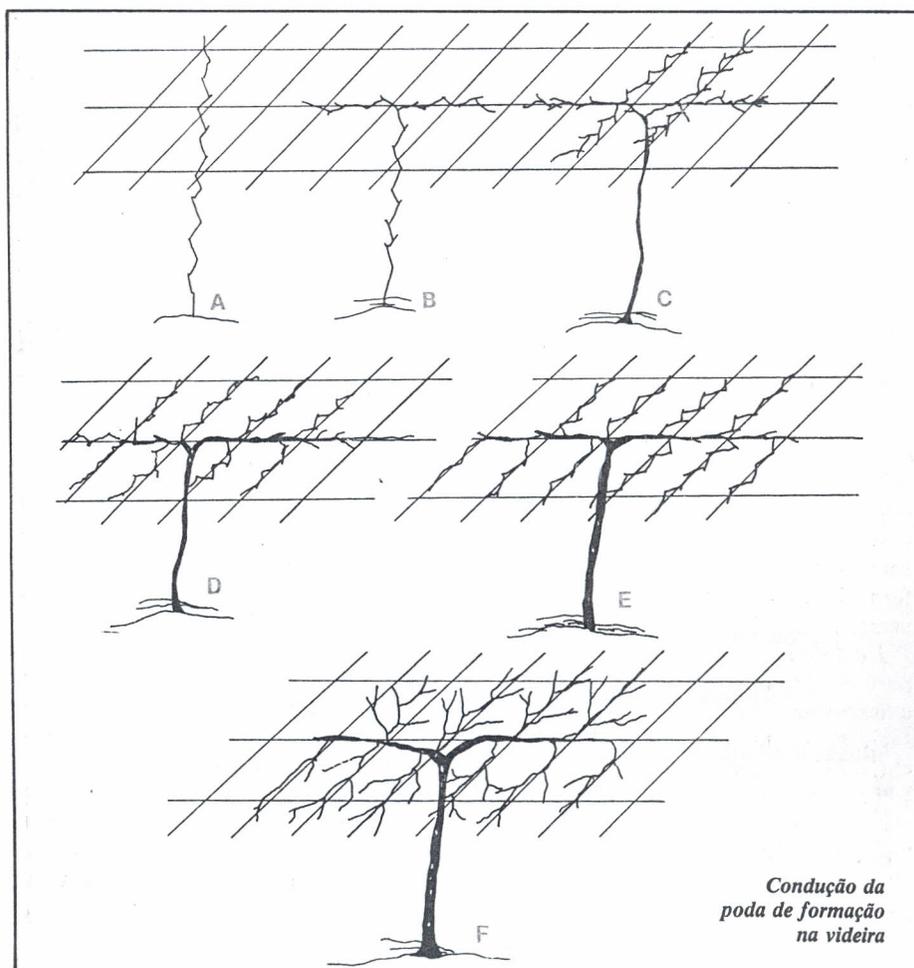
MENOR TAMANHO
MAIOR DESEMPENHO
Capacidade de
secagem:

2 MIL SACOS/DIA

**TOTALMENTE
AUTOMÁTICO**

**METALÚRGICA
SILOS IDEAL LTDA.**

**FONE: (0532) 21-0433
PELOTAS/RS**



*Condução da
poda de formação
na videira*

Tratamentos fitossanitários — destinam-se ao controle das doenças: oídio, míldio, antracnose, podridão-dos-cachos; e das pragas: ácaros, cochonilhas, moscas dos frutos e tripses. Os tratamentos são feitos segundo a Tabela 2.

Combate à formiga — é realizado sempre que a videira inicia a brotação, pois o ataque da formiga é mais intenso quando os brotos estão bem tenros.

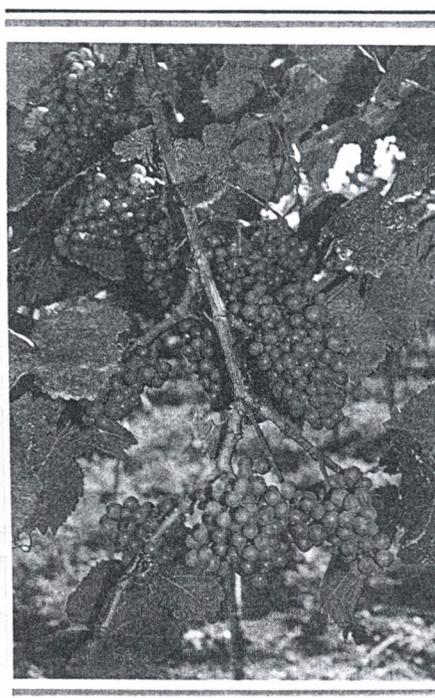
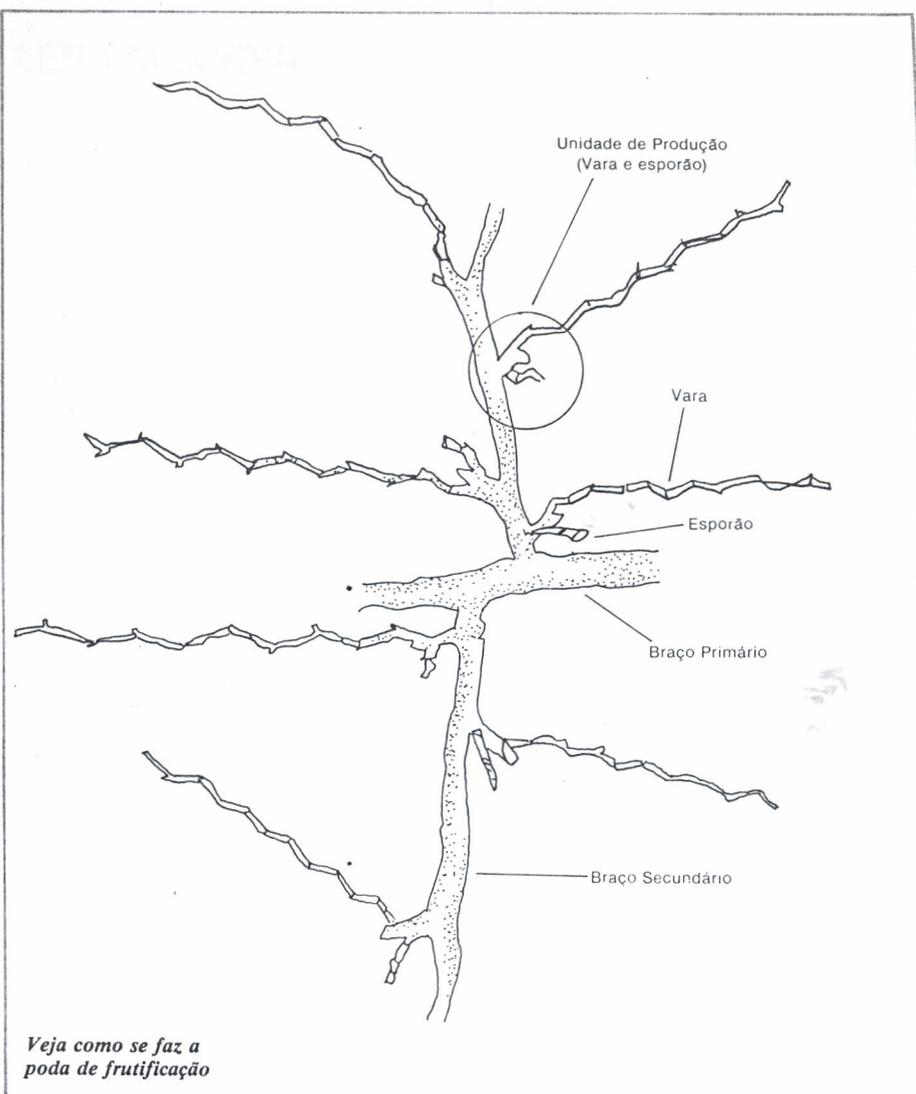
Irrigação — para as videiras irrigadas pelo sistema de sulcos com profundidade de 40cm, a primeira irrigação é feita após a poda. Para o vertissolo, tomando-se como base uma umidade disponível de 45 por cento no perfil de 120cm, o intervalo de irrigação será de quinze dias, aplicando-se lâminas d'água de 136,83mm em cada irrigação, o que dá um consumo médio diário de 4,18mm. A última irrigação, em cada ciclo, será aplicada 15 dias antes da colheita, ou seja, quando os frutos iniciam a fase de maturação, o que se pode observar através do amolecimento das bagas.

Repouso e tratamentos para melhoria da brotação — o repouso da videira no Trópico Semi-Árido é obtido através da suspensão da irrigação por um período de tempo entre a colheita e a poda do ciclo seguinte. Os benefícios decorrentes desta prática encontram-se em fase de pesquisa no CPATSA. No entanto, sugere-se suspender a irrigação por um período de 15 a 20 dias antes da colheita, para que haja uma concentração de açúcares nos cachos. A poda, que dá início ao ciclo seguinte, poderá ser realizada imediatamente à colheita, sendo a primeira irrigação feita após a poda.

Deve-se dar ênfase às produções colhidas no período de agosto a novembro, quando o preço da uva é mais elevado, oferecendo maior lucratividade aos produtores.

Para melhorar o índice de brotação, pincelar os ramos das videiras, com exceção da gema apical, com uma solução de calciocianamida (CaCN_2) a 20 por cento. Pesquisas em andamento no CPATSA têm mostrado que o ácido 2-cloroetil fosfônico (Ethrel) é bastante eficiente na melhoria da brotação da videira, antecipando e uniformizando-a.

Malvásia: cultivar promissor para mesa



COLHEITA

A produtividade varia com o cultivar e o estado fitossanitário e nutricional da planta. Para o cultivar itália, em condições normais, prevêem-se os seguintes valores médios para a produção anual em duas safras:

- primeiro ano de produção: 5t/ha/ano;
- segundo ano de produção: 16t/ha/ano;
- terceiro ano de produção: 30t/ha/ano;
- quarto ano de produção e seguintes: 40t/ha/ano.

João Antônio Silva de Albuquerque e Terezinha Costa Silveira de Albuquerque, pesquisadores do CPATSA - Embrapa/PE